

PERCEPÇÕES E SENTIMENTOS DE PROFESSORES EM FORMAÇÃO SOBRE A ALTERNÂNCIA DE LÍNGUAS

DÉBORA MEDEIROS DA ROSA AIRES¹; ISABELLA MOZZILLO²

¹ Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) – deboramedeiros3@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas (UFPeI) - isabellamozzillo@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Os processos que envolvem a formação de professores de línguas são atravessados por crenças que se constroem ao longo das vivências dos sujeitos, podendo ser reforçadas ou problematizadas nas discussões propostas nas instituições de ensino. Estão envolvidos nessas crenças os julgamentos sobre quais procedimentos adotar para o melhor desenvolvimento das competências linguísticas almejadas. Esses entendimentos estruturam-se tanto a partir das experiências como estudantes quanto nas orientações recebidas na formação profissional e nas práticas docentes, e também com base no senso comum que circula na sociedade.

Pode-se considerar que há uma vasta literatura sobre o ensino de língua estrangeira (LE), mas a questão do uso da língua materna (LM) nesse contexto é um ponto que não encontra um respaldo significativo ou apresenta controvérsias sempre que citado (MOREIRA; GIL, 2004). Mesmo que os métodos e abordagens de ensino de línguas mais recentes não proibam explicitamente o uso da LM, não há uma indicação clara de como esta deve ser tratada para que o aprendiz possa atingir melhores resultados. Muitas vezes a existência da LM é simplesmente ignorada (COOK, 2001), o que gera a interpretação de que ela não tem nenhuma função a desempenhar na construção da LE (ATKINSON, 1987).

Essa lacuna pode ser responsável pelo desconforto que sentem muitos professores quando usam a LM em sala de aula ou permitem que os alunos o façam. Muitos falantes veem o emprego de alternâncias entre a LM e a LE como sinal de uma má conduta profissional por parte dos professores (COOK, 2001). RODRIGUES (2012) afirma que muitos docentes consideram o uso da LM como uma ameaça ao aprendizado da LE e se sentem culpados ao realizar alternâncias. Nas pesquisas descritas por CUNHA; MANESCHY (2011), também foi verificado que um número considerável de alunos de cursos de LE, de diferentes níveis, ainda traz fortemente estabelecida a noção de que o uso da LM deve ser evitado por ser um aspecto nocivo à aprendizagem de uma LE.

No entanto, ainda que sejam bastante naturalizadas, essas crenças e aspirações por essencialismos e por uma pureza linguística demonstram uma visão estreita dos processos de ensino/aprendizagem, não contemplam o dinamismo das interações linguísticas cotidianas, podendo impactar a comunicação e a apropriação de competências. Sob uma perspectiva que valoriza os repertórios linguísticos dos falantes e suas capacidades bilíngues, a LM é vista como estimuladora e facilitadora da aprendizagem. A relação entre as línguas forma parte e deve ser aproveitada positivamente para a reflexão e o desenvolvimento dos saberes, e não como um obstáculo a ser superado.

Entende-se que a alternância de línguas é um recurso comunicativo para as interações que ocorrem na sala de aula de LE e também é recurso pedagógico instrucional (MELLO, 2009). O reconhecimento da importância dos conhecimentos

que compõem o ambiente bilíngue favorece e estimula a aprendizagem de forma ampla, tanto para a comunicação como para a instrução. Nesse sentido, autores como ATKINSON (1987), MELLO (2009), CUNHA; MANESCHY (2011), KURTZ-DOS-SANTOS; MOZZILLO (2013) descrevem diversas funções e motivações para a ocorrência de alternâncias, que devem ser reconhecidas como uma ferramenta que permite potencializar os processos de construção dos saberes da LE. Desse modo, percebe-se que a capacidade de dispor dos elementos de seu repertório estrategicamente é sinal de competência do falante e está entre as habilidades a serem exercitadas para a promoção do bilinguismo que vá além de um somatório de monolingüismos.

A partir dessa temática, objetiva-se propor reflexões sobre os sentimentos produzidos por situações de alternâncias linguísticas, a partir da percepção de professores de línguas em formação. Houve o relato de sentimentos tanto positivos quanto negativos, pois alguns participantes da pesquisa mencionam sentir-se cômodos com o uso de todo o seu repertório linguístico, enquanto outros sentem-se confusos e frustrados ao recorrer à LM.

2. METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada com estudantes de cursos de Letras – Português e Espanhol de universidades do Rio Grande do Sul e de instituições de formação de professores de português da Argentina e do Uruguai. Foi aplicado um questionário *on-line*, com perguntas abertas, acerca de suas percepções sobre a relação entre o português e o espanhol em sua própria aprendizagem e também em suas práticas docentes, caso já tivessem tido essa experiência.

Neste trabalho, são apresentados os resultados das análises da seguinte pergunta do questionário: *Como te sentes quando utilizas a(s) tua(s) língua(s) materna(s) para aprender a língua estrangeira? Explica.*

A transcrição das respostas dos participantes será acompanhada, na seção a seguir, da indicação da nacionalidade, com as letras EB (estudante brasileiro), EU (estudante uruguaio) e EA (estudante argentino), e também do número com que cada sujeito foi identificado ao longo da pesquisa.

A partir das respostas dos participantes, foi realizada uma análise qualitativa, buscando destacar os sentimentos que emergem em situações de emprego da LM e o que isso aponta com respeito aos posicionamentos dos falantes quanto à alternância de línguas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebeu-se que as respostas dos participantes, tanto brasileiros como uruguaio e argentinos, dividiram-se entre dois posicionamentos principais. Por um lado, houve indicações de que sentimentos positivos são gerados nos momentos em que as alternâncias são realizadas. Por outro lado, houve a descrição da percepção de emoções negativas ao se recorrer à LM nas aulas de LE.

Os participantes que responderam que se sentem bem e confortáveis ao utilizar a LM relacionam isso à possibilidade de aprender melhor por empregar uma estratégia facilitadora e de refletir sobre sua própria LM quando realizam comparações com a LE:

- *Me sinto favorável para a aprendizagem. Acaba se tornando mais fácil a aprendizagem. (EB.13)*

- *Me sinto muito bem, me faz refletir e pensar mais na riqueza da minha língua e da LE que estou aprendendo. (EB.18)*
- *Me siento cómodo. (EU.2)*
- *Me siento bien, aunque prefiero que la clase sea en portugués. (EU.4)*
- *Bien, siento que soy capaz de abordar también a un conocimiento más profundo de mi propia lengua. (EA.1)*
- *En su momento me sentí cómoda con su uso porque era la única forma de acceder al conocimiento. Ahora creo que es innecesario y retrasa el aprendizaje avanzado de la lengua. (EA.6)*

É mobilizado o entendimento de que valer-se da LM traz sentimentos de segurança que favorecem a aprendizagem. Os professores em formação constatam que podem apoiar-se em seus conhecimentos linguísticos para, com base neles, construir as competências na LE. Também destacaram que a chance de lançar mão da LM oportuniza que, ao realizar práticas de reflexão sobre a LE, seja possível elucidar aspectos da LM.

Aponta-se que os conhecimentos linguísticos podem conectar-se e ser compartilhados. Além disso, a possibilidade de recorrer à LM proporciona que se sintam confortáveis e motivados para a aprendizagem da LE. A valorização dos conhecimentos que os estudantes trazem consigo pode empoderá-los enquanto falantes para que se sintam competentes para avançar em direção à língua meta.

No entanto, também houve respostas nas quais se salientam sentimentos negativos ao utilizar a LM:

- *Me sinto um pouco frustrada. (EB.2)*
- *Um completo idiota porque tenho a opção de usar um dicionário monolingual em espanhol para descobrir o significado das palavras e em vez disso busco a tradução da palavra ou frase. (EB.4)*
- *Ruim, porque ao misturar posso estar falando uma bobagem sem perceber, queria saber usar apenas o espanhol. (EB.12)*
- *Confuso, porque parece que eu não aprendo direito, que eu me perco nas linhas de raciocínio e confundo os significados de algumas palavras por conta da semelhança mas dos falsos amigos. (EB.19)*
- *Eu me sinto preguiçosa, principalmente quando recorro a tradutores automáticos. Mas é um artifício que uso muito quando tenho pouco tempo para a execução de tarefas escritas, por exemplo. (EB.22)*
- *Extraña, no me sirve. Ya me pasó de mezclar términos, estructuras y no sirve. Genera más confusión. (EA.9)*
- *Siento que no estoy aprovechando la oportunidad de adquirir mayor conocimiento y de ampliar mi vocabulario. (EA.10)*

Percebe-se a manifestação de que o uso da LM gera sentimentos de frustração, confusão e insegurança, além de impedir que sejam alcançadas competências avançadas na LE. Os participantes descrevem como indício de preguiça recorrer à LM, sinalizando a crença de que a alternância seria um subterfúgio ou estratégia evasiva e resultaria de uma incapacidade de utilizar a LE corretamente e sem mistura. As possíveis mesclas decorrentes do contato de línguas são classificadas como confusões e não como fenômenos inerentes ao falar bilíngue.

4. CONCLUSÕES

As análises revelam que alguns participantes sentem-se cômodos com a possibilidade de acionar e servir-se dos conhecimentos da LM, pois estes mostram-se apoios benéficos no percurso de aproximação à língua alvo. Porém, a identificação de sentimentos de mal-estar em momentos de alternância expõe a existência de uma visão negativa sobre esse fenômeno.

Cabe destacar que, mesmo dentre aqueles que relatam sentimentos positivos sobre o uso da LM nas aulas de LE e entendem que isso pode servir como suporte e referência, há participantes que apontam restrições para sua utilização. Percebe-se a recorrência da crença de um ideal de uso exclusivo e de exposição máxima à língua alvo, ainda que os aprendizes constatem que a presença da LM lhes é favorável. Considera-se que empregar a LM impede que se exercite a LE, quando, na verdade, pode representar uma ferramenta a ser sofisticada com o aprimoramento das competências bilíngues.

Ao se propor que seja valorizado o papel vantajoso da presença da LM nas aulas de LE, entende-se que isso deve ser feito de modo estratégico e raciocinado para benefício do desenvolvimento das competências dos estudantes. Diante disso, propõe-se a construção de um bilinguismo no qual haja a integração de saberes e o reconhecimento dos aportes que os aprendizes podem realizar a partir de seus repertórios, sem que uma língua venha a substituir ou atrapalhar a outra.

A capacidade de dispor de elementos de cada uma das línguas sobre as quais se tenha conhecimento pode ser erroneamente encarada como sinal de deficiência do sistema linguístico e como uma incapacidade de utilizar uma língua corretamente e sem mistura (MOZZILLO, 2008). O que deve ser esclarecido é que essa capacidade representa uma estratégia comunicativa que denota competência, sendo característica da situação de bilinguismo.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ATKINSON, D. The mother tongue in the classroom: a neglected resource? **ELT Journal**. v.41, n.4, p.241-247, 1987.
- COOK, V. Using the First Language in the Classroom. **Canadian Modern Language Review**. v.57, n.3, 2001.
- CUNHA, J. C. C.; MANESCHY, V. B. O espaço da língua materna nas práticas de sala de aula de língua estrangeira. **Veredas**. n.1, p.136-147, 2011.
- KURTZ-DOS-SANTOS, S. C.; MOZZILLO, I. O fenômeno das línguas em contato na comunicação intercultural. In: BRAWERMAN-ALBINI, A.; MEDEIROS, V. S. (org.). **Diversidade cultural e ensino de língua estrangeira**. Campinas: Pontes, p.163-177, 2013.
- MELLO, H. A. B. Funções da alternância de línguas na sala de aula de inglês como segunda língua. **Linguagem & Ensino**. Pelotas, v.12, n.1, p.135-164, 2009.
- MOREIRA, M. A. R., GIL, G. The use of the mother tongue in foreign language classes: A study of state school teachers' perceptions. In: GIL, G. et al. (org.) **Pesquisas qualitativas no ensino e aprendizagem de inglês: A sala de aula e o professor de LE**. Florianópolis: UFSC, 2004.
- MOZZILLO, I. O mito da pureza lingüística confrontado pelo conceito de code-switching. **Anais do VIII Celsul**, 2008.
- RODRIGUES, R. M. A língua materna no ensino e aprendizagem de língua inglesa: suas crenças e uso. **Entrepalavras**. ano 2, v.2, n.2, p.84-100, 2012.